

# FUNDAÇÕES (IDEO) LÓGICAS DA CIÊNCIA: INVESTIGANDO AS RELAÇÕES ENTRE A FUNDAMENTAÇÃO LÓGICA DE TEORIAS E O DISCURSO IDEOLÓGICO DA CIÊNCIA

**Aluno: Pedro Mendes de Lemos**  
**Orientador: Sérgio Luiz de Castilho Fernandes**

## **Apresentação**

Não seria errado dizer que esta pesquisa tem motivos pretensiosos. Por um lado, ela pretende fazer um levantamento do inventário filosófico que se ocupou, a partir do séc. XIX nas filosofias anglófonas, do tema da fundamentação lógica das teorias das ainda incipientes ciências empíricas; Por outro lado, ela pretende investigar até que ponto o esforço obstinado pelo mapeamento e fundamentação estrutural das teorias científicas deu ensejo a um discurso ideológico nas “ciências exatas”, ou seja, o tipo de discurso que elege o método científico como paradigma de todo discurso que se pretenda válido. A este tipo de evocação do método científico corresponde, *lato-sensu*, um programa de semblante cientificista. Posto isto, podemos dizer que uma das questões mais pertinentes que percorreram todo o decurso de nossas investigações foi a problemática das fontes desse discurso, ou seja, se este discurso era exclusivamente intrínseco à produção científica, ou se ao revés, está mais presente na própria produção filosófica atinente ao universo científico. Como Hilary Putnam nos sugere, “parte dos problemas inerentes à filosofia contemporânea está no cientificismo herdado do século XIX” [1], sobretudo e dentre outras coisas, no cientificismo resultante das tentativas sofisticadas do Positivismo Lógico de fundamentar um princípio de indução que legitimasse e edificasse as teorias científicas sobre pilares sólidos.

Notadamente, se tomarmos o cientificismo como uma empreitada ideológica que arregimenta para as teorias científicas um rigor normativo do qual os estudos mais abstratos como a epistemologia e a lógica puras partilham, veremos que esta adequação cai nas esparrelas do raciocínio falacioso que converge a necessidade latente na analiticidade de proposições logicamente concatenadas com a natureza contingente de proposições assentadas na experiência – chamemo-las de enunciados protocolares ou, simplesmente, de relatório laboratorial. É interessante notar que as principais objeções a este raciocínio se apóiam justamente em investigações lógicas, como o fez Karl Popper. Não é a toa que em *Conjecturas e Refutações*, K. Popper atenta justamente para o fato de que “mesmo um estudo abstrato como a epistemologia pura não é, na verdade, tão puro quanto se possa pensar (e como acreditava Aristóteles), que as idéias nela contidas podem ser em grande parte motivadas e inconscientemente inspiradas por ideais políticos ou sonhos utópicos” [2].

## **Objetivos**

Podemos dividir dentro da pesquisa dois objetivos principais: um amplo e um estrito. Num sentido amplo, o principal objetivo desta pesquisa diz respeito à apreciação de temas clássicos da filosofia da ciência. Portanto, a primeira metade da pesquisa se ocupa de uma análise filosófica da estrutura geral da ciência, descrevendo os modelos e padrões explicativos de teorias e proposições científicas sob a égide de duas estruturas lógicas preponderantes: uma de ordem indutiva e outra de ordem dedutiva. Esta bifurcação da estrutura lógica da ciência em dois tipos inferenciais (inferências indutivas e inferências dedutivas), permitiu a divisão de um vasto acervo filosófico onde, ou bem se eleva o método dedutivo como paradigma da pesquisa científica, ou bem se privilegia o papel da indução nas ciências empíricas.

Respectivamente, estamos falando dos tipos de programas filosóficos empreendidos, por um lado, desde John Stuart Mill, William Whewell e John Herschel, até C. S. Peirce (na forma de uma Lógica da Descoberta), Hans Reichenbach e o Positivismo Lógico de Rudolf Carnap e Moritz Schlick; Por outro lado, aludimos à guinada filosófica empreendida a partir da proposta de um método hipotético-dedutivo por Popper e sua rejeição completa a um princípio de indução na ciência – sendo esta rejeição tributária das reflexões de David Hume. Em sentido estrito, nossas investigações pretendem justamente examinar não só o fato de que uma afinidade política, e o viés ideológico pelo qual perpassa, possa inspirar uma determinada preferência epistemológica, como Popper alertou no trecho supracitado, mas sim também verificar que o inverso deste caminho é igualmente problemático, ou seja, que a adoção de determinada ênfase epistemológica (no caso, identificada com os êxitos das investigações lógicas) também inspira conseqüências desastrosamente autoritárias; neste caso, não tanto no sentido de um autoritarismo político, como bem observou Popper, mas sim no sentido de um “autoritarismo científico”.

### Conclusões

Como já visto, o objetivo principal da pesquisa era o de investigar o tipo de canalização lógica que suspende as teorias científicas de serem submetíveis ao escrutínio crítico – ao menos àquele que não pressupõe argumentos lógicos. A partir disso, podemos ver que o cientificismo geralmente se vale de argumentos em princípio creditados como incontestes, furtando-se da crítica pela estratégia do ataque àqueles domínios não administrados pelo método científico. Há duas propostas científicas sobre as quais, mais especificamente, nos debruçamos: A primeira é aquela identificada no materialismo eliminativista de Paul e Patricia Churchland e Stephen Stich, nos seguintes termos: “Se as instâncias de “X” não tem algo em comum que seja cientificamente descritível (onde o paradigma científico é a neurobiologia no caso dos Churchlands e a ciência da computação no caso de Stich), então “X” é um ente mitológico”[3]; A segunda proposta é aquela advinda do embuste de A. Sokal e J. Bricmont. O embuste consistiu na submissão de um artigo para publicação na revista americana de estudos culturais *Social Text*, com uma colagem de citações de filósofos franceses e norte-americanos que refletissem os caprichos e opiniões partilhadas pelos editores da revista. Ao ser aceito, o artigo foi publicado sob a forma de um livro (*Imposturas Intelectuais*), acompanhado de uma série de críticas de gosto duvidoso e seguido da acusação de apropriação indevida do universo teórico da ciência. Tanto no caso Churchland-Stich quanto em Sokal-Bricmont, a estratégia científica é a mesma, ambos utilizam o critério de redução a termos cientificamente exprimíveis como única via de legitimação do discurso. Coube à pesquisa investigar a fundo a natureza destes argumentos. Principalmente, viu-se que ambos os argumentos se enredam em contradições performativas, ou seja, o próprio ato ou contexto argumentativo engendra uma contradição com o conteúdo asserido.

### Referências

- 1 - PUTNAM, H. **Realism and Reason: Philosophical Papers, Volume3**. 1.ed. Cambridge, Mass. : Cambridge University Press, 1983. 312p.
- 2 - POPPER, K. R. **Conjecturas e Refutações**. Brasília, D.F.: UnB, 1972, 449p.
- 3 - PUTNAM, H. **Representation and Reality**. Cambridge: MIT Press, 1988, 136p.